
ÁREA TEMÁTICA: ST6 Sociologia do Desporto

A IDENTIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS DE GÉNERO EM CRIANÇAS DO 1º CICLO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NO ÂMBITO DAS ATIVIDADES FÍSICAS E DESPORTIVAS

NOVAIS, Carina
Mestre em Sociologia, CIAFEL
FADEUP
carinanovais@hotmail.com

SILVA, Paula
Doutoramento em Ciências do Desporto, CIAFEL
FADEUP
psilva@fade.up.pt

CARRAPATOSO, Susana
Licenciada em Ciências do Desporto, CIAFEL
FADEUP
scarrapatoso@gmail.com

QUEIRÓS, Paula
Doutoramento em Ciências do Desporto, CIFI2D
FADEUP
pqueiros@fade.up.pt

SANTOS, Maria Paula
Doutoramento em Ciências do Desporto, CIAFEL
FADEUP
mpsantos@fade.up.pt

Resumo

No contexto escolar parece existir uma constante vigilância de habilidades, de comportamentos, de desempenhos que, entre outros aspetos, é regida pelas questões de género. A presente investigação de natureza etnográfica teve como objetivo conhecer as perceções de género de 28 crianças (16 meninas e 12 meninos) com idades entre os 9 e os 10 anos que frequentavam o 4º ano de uma Escola Básica do 1º Ciclo localizada na cidade do Porto. Os resultados deste estudo sugerem que as crianças identificam e reproduzem comportamentos de género patente no modo como interagem e atuam nas aulas de AFD. A superioridade dos rapazes no desempenho de atividades desportivas é aceite por todos/as como natural e esperada e a participação das meninas é dificultada e subvalorizada. Mas a escola, como as demais instâncias sociais, culturais e políticas (a família, os meios de comunicação), pelas quais circulamos pode auxiliar, de forma ampla, na reconfiguração das desigualdades de género.

Este estudo foi financiado no âmbito do projeto FCT/FCOMP -01-0124-FEDER-009573/PTDC/DES/099018/2008

Abstract

In the scholar context, the observation of motor skills, behaviors, performances and other aspects is influenced by the sources of gender. The present study uses ethnographic methods to explore the gender perceptions of 28 children (16 girls and 12 boys) with ages between 9 and 10 years old enrolled in the Grade 4 in a public primary school of Porto. The results suggest that children identify and reproduce gender behaviors by their actions and interactions in the Physical Education Classes. It is accepted and expected by all higher levels of competence in sports activities among boys. Girls' participation seems to be difficult and undervalued. Although school and other social, cultural and politic institutions (family, media, etc.) are often touted as effective means of positively affecting the gender inequalities.

Granted by FCT/FCOMP -01-0124-FEDER-009573/PTDC/DES/099018/2008.

Palavras-chave: Atividades físicas e desportivas; género; crianças; estudos etnográficos

Keywords: physical activities; gender; children; ethnographic studies

PAP0844

I. INTRODUÇÃO

A corporalidade e a motricidade sofrem influências ao ponto de tornar suscetível que um sexo se torne mais hábil do que o outro em termos motores, uma vez que o movimento é influenciado por estereótipos de género (Mello e Romero, 2003). No contexto escolar, parece existir uma constante vigilância de habilidades, de comportamentos, de desempenhos que, entre outros aspetos, é regida pelas questões de género. Desde cedo que os rapazes são incentivados a participar em brincadeiras que envolvam violência física, percebendo-se que a normatividade acerca da masculinidade é incutida no corpo da criança, incentivando-a a uma expressão corporal mais expansiva do que as raparigas (Arguello, 2008).

A maior ou menor adequação de modalidades desportivas a homens ou a mulheres decorre de um processo de naturalização de características sociais, o que sugere a perceção de uma incorporação de limites. Quando as diferenças biológicas entre rapazes e raparigas são realçadas é também reforçada a perceção de que certas atividades são mais ou menos apropriadas a mulheres ou a homens. Assim, a perceção do género irá delimitar as possibilidades de ação do próprio corpo, na medida em que as modalidades desportivas são estereotipadas com base em conceções sobre a conveniência de participação por homens ou por mulheres. A beleza ou a força são características distintas e têm significados próprios, inscritos na cultura daquilo que deve ser atribuído ao corpo masculino e ao corpo feminino. Todos os indivíduos são educados para aprender a classificar os outros através do seu corpo, do comportamento, do gesto (Louro, 2000). A masculinidade tem como alvo a representação de um corpo forte e agressivo, de uma dureza geralmente alocada no desporto, na competição e na violência consentida (Corrigan, 1991). Tais características naturalizam a associação a atividades mais ativas e vigorosas, e a modalidades desportivas que exijam força, contacto físico, choque físico, violência, agressividade (Roth & Basow, 2004). A feminilidade circunscreve no corpo, a beleza, a leveza, a graciosidade, a delicadeza dos movimentos associando-se a atividades mais passivas e menos exigentes em esforço físico (Pereira e Mourão, 2005). A construção das singularidades de género constrói-se com base nas possibilidades sociais aceites ou não pelos indivíduos, o que significa que a identificação com o género inscreve-se na presença ou na ausência do masculino ou do feminino, (Pacheco, 1998).

A criança desenvolve as suas perceções de género e a adequação de determinados comportamentos ao feminino e ao masculino. Os conceitos previamente aprendidos, a perceção da situação e a motivação são fatores que interferem no processo complexo da aprendizagem por observação de modelos reais ou simbólicos do mesmo género, o que indica que a criança não é um agente passivo neste processo, é uma construção social, cultural e histórica, não unificada e estável (Bandura, 1998). Os esquemas de perceção e de avaliação relativamente ao género são adquiridos pelas crianças através de um longo processo de socialização, de uma cultura normalizadora que conduz à tomada de opções consideradas corretas (Meyer, 2003; Rodrigues, 2003).

Este estudo tem como objetivo conhecer as representações de género no comportamento das crianças em contexto escolar, bem como as suas perceções relativamente à adequação de modalidades desportivas ao homens e às mulheres. O conhecimento dos motivos das atribuições de género permite-nos compreender a imposição da adequação de condutas e a repreensão dos aspetos relacionados com o sexo oposto. Esta abordagem não pretende modificar as opiniões das crianças, mas desconstruir os mecanismos que legitimam a desigualdade de género na esfera desportiva e no quotidiano.

II. METODOLOGIA

A lógica metodológica desta investigação desenvolveu-se numa perspetiva etnográficaⁱ que decorreu no contexto escolar e em torno de uma combinação de técnicas, nomeadamente a observação direta dos comportamentos de crianças a aplicação de *focus groups* a crianças. A amostra é composta por 28 crianças (16 raparigas e 12 rapazes) entre os 9 e os 10 anos que frequentavam o 4º ano da Escola Básica do 1º Ciclo de uma escola da cidade do Portoⁱⁱ. Trata-se de uma amostra não probabilística intencional com base em

critérios teóricos relacionados com os objetivos da pesquisa (Hill, 2002). As crianças foram selecionadas pelo seu caráter exemplar e não pela importância numérica da categoria que representam (Ruquoy, 1995).

Nesta pesquisa foi fundamental o recurso a uma metodologia observacional direta (não participante) de crianças nas aulas de enriquecimento curricular de Atividades Físicas e Desportivas (AFD).ⁱⁱⁱ Esta técnica revelou-se útil na contextualização do ambiente circundante e na recolha de elementos significantes porque o seu caráter intensivo permite obter uma leitura mais profunda da realidade.

A presença no terreno e o contato com os indivíduos produz elementos teóricos a partir dos dados contextualizados (Melucci, 2005). A situação de trabalho de campo decorreu em contexto de aula de AFD num campo polivalente exterior e foi desenvolvido por duas observadoras^{iv}, realizando-se sistematicamente 2 observações^v por semana num período de 4 meses. O exercício de observação procura captar a realidade com objetividade e conferir aos tópicos observados “um valor exterior” com o intuito de captar a tradução compreensível dos dados.

A presença no terreno revelou uma etnografia rica do ponto de vista das subjetividades, representações e vivências com interesse em aprofundar. A combinação da metodologia observacional com outras técnicas significa a aposta em contrariar uma abordagem tendenciosa (Quivy & Campenhoudt, 2003). Neste estudo, foram realizadas entrevistas de grupo^{vi}. A entrevista é um instrumento de recolha de dados fundamental para apreender conceções e perceções sobre determinado fenómeno, mas é também um complemento da análise da observação direta dos comportamentos. Todavia, a entrevista individual com crianças apresenta limitações consideráveis, nomeadamente a indisponibilidade da informação, a desejabilidade social da resposta, a incapacidade de expressar perceções, incorrendo no risco de a transformar numa situação de silêncio ou num conjunto de monossílabos (Demartini, 2002). Alguns estudos corroboraram a utilidade do uso de entrevistas com crianças mostrando que a qualidade dos dados obtidos depende, em grande parte, da qualidade da relação entre o entrevistador e o entrevistado, sugerindo também a importância da motivação da criança para participar na recolha dos dados (Carvalho et al, 2004; Rodrigues, 2003).

Tendo em conta tais recomendações, optamos por desenvolver uma entrevista não estruturada de grupo em torno de uma atividade lúdica.^{vii} Esta opção justificou-se por providenciar a oportunidade de adquirir informações pormenorizadas acerca dos sistemas de valores e interpretações que as crianças conferem à temática do género, mas de uma forma lúdica. Os estímulos visuais, demonstrações ou outras atividades podem ser usados no contexto da entrevista de grupo para fornecer uma base de discussão (Stewart, Shamdasani & Rook, 2009). A aposta nesta técnica revelou-se vantajosa, porque a atividade teve um impacto bastante positivo, já que as crianças mostraram-se motivadas para a participação na entrevista. Desta forma, concedeu-se-lhes a liberdade para interagirem entre si, manusearem as imagens, discutirem as opções em grupo sem insistente intervenção da entrevistadora possibilitando, assim, aceder da forma mais espontânea possível às suas perceções. As entrevistas foram conduzidas por uma moderadora e uma observadora^{viii}, e por as crianças já estarem familiarizadas com estas pessoas não houve qualquer dificuldade em obter interação verbal fluente e espontânea também estimulada pela linguagem e atitudes mais simples e acessíveis. Foram realizadas sete *focus groups* com o intuito de conhecer as perspetivas destes protagonistas. As gravações áudio foram transcritas na íntegra e os textos resultantes foram preparados, formatados e sujeitos a dois tipos de análise: (i) uma análise quantitativa através da agregação das opções propostas pela atividade e a construção de uma tabela de ocorrências e frequências relativas (*SPSS*); (ii) a categorização dos textos (das entrevistas e dos registos de observação) em função de unidades temáticas e análise de conteúdo (recorrendo ao programa. *QSRNVivo 7*).

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Desempenho motor – uma atribuição social...

Os dados obtidos sugerem, desde logo, uma menor permissividade relativamente à prática de determinadas modalidades desportivas pelas raparigas do que aquelas que seriam desadequadas à prática masculina. Esta perceção é partilhada pelos grupos de rapazes e pelos grupos de raparigas que participaram no estudo, não

obstante ligeiras distinções, já que foram as raparigas as menos permissivas. O rugby, o hóquei em patins, o skate, o futebol, o surf, o basquetebol, os desportos de luta, o boxe e o atletismo são as modalidades desportivas contraindicadas por rapazes e por raparigas no que se refere à prática feminina.

	Raparigas			Rapazes		
Modalidades Desportivas/Adequação ao Género	Adequado a ambos	Não adequado a raparigas	Não adequado a rapazes	Adequado a ambos	Não adequado a raparigas	Não adequado a rapazes
	%	%	%	%	%	%
Futebol	75%	25%	0%	66,7%	33.3%	0%
Patins em Linha	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Equitação	100%	0%	0%	66.7%	0%	33.3%
Andebol	75%	0%	25%	100%	0%	0%
Ginástica	75%	0%	25%	100%	0%	0%
Hóquei em Patins	50%	50%	0%	0%	100%	0%
Natação	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Patinagem Artística	100%	0%	0%	66.7%	0%	33.3%
Boxe	100%	0%	0%	33.3%	66.7%	0%
Skate	75%	25%	0%	66.7%	33.3%	0%
Surf	75%	25%	0%	66.7%	33.3%	0%
Ballet	75%	0%	25%	66.7%	0%	33.3%
Ciclismo	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Canoagem	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Rugby	0%	100%	0%	33.3%	66.7%	0%
Escalada	100%	0%	0%	100%	0%	0%
Atletismo	75%	25%	0%	100%	0%	0%
Voleibol	75%	0%	25%	66.7%	0%	33.3%
Basquetebol	75%	25%	0%	66.7%	33.3%	0%
Desportos de luta	75%	25%	0%	66.7%	33.3%	0%
Dança	75%	0%	25%	66.7%	0%	33.3%
Ténis	100%	0%	0%	100%	0%	0%

Quadro n.º1 – Resultados da atividade lúdica “modalidades desportivas e adequação ao género”

Verificam-se algumas diferenças nas suas perceções. No que se refere às raparigas verifica-se que a modalidade desportiva que reuniu maior discussão foi o Rugby, sendo que a totalidade das entrevistadas, o consideraram não adequado à prática feminina. Para os rapazes, o hóquei em patins foi a modalidade considerada totalmente desadequada à prática feminina. Relativamente às modalidades desportivas consideradas não adequadas à prática masculina, desde logo é possível verificar que há uma maior permissividade. Embora em minoria, as modalidades desportivas que foram alvo de contestação por ambos

os grupos foram a dança, o ballet e o voleibol. De uma forma geral, algumas modalidades desportivas são classificadas como detentoras de características masculinas ou características femininas. A estereotipia de género presente nas percepções destas crianças remete para aspetos biológicos e fisiológicos sobre homens e mulheres, potenciados por atividades sociais e culturalmente diferenciadas. A discussão de grupo permitiu aceder às representações das crianças na sua individualidade e este é o aspeto que importa interpretar nestes resultados.

3.2. ..., eles têm mais força.....as raparigas não são tão fortes como os rapazes e não costumam aguentar tanto os choques físicos como os rapazes...

A percepção da determinação biológica é o pressuposto que fundamentou as diferenças sociais relativamente à prática de determinadas modalidades desportivas excluindo homens ou mulheres. As crianças (independente do sexo) atribuíram a força física, o vigor físico e a agressividade ao masculino. Especificamente, a competição, o contacto físico e os jogos de interdependência que envolvem força física e resistência foram as características que as crianças associaram a modalidades desportivas indicadas para os rapazes. Estas características aparecem frequentemente associadas a aspetos como a “tática”, “o jeito para”, a “prática” e o “hábito.” Por outro lado, a “falta de habilidade para a realização da modalidade desportiva predisposta ao perigo de causar danos físicos ao próprio” aparece mais associada às raparigas.

No corpo investem-se juízos que delimitam a sua ação e, no âmbito da prática desportiva, a construção da masculinidade e da feminilidade é facilmente invocada pelas crianças que participaram neste estudo. Quando questionadas sobre a prática de ballet, a maioria das crianças, de ambos os sexos, considerou contraindicado para os rapazes, percecionando esta prática desportiva como adequada às raparigas, na medida em que a associaram a atividades de natureza estética, com movimentos finos, delicados e mais controlados. Estas características foram também apontadas pelos grupos relativamente à ginástica rítmica, ao voleibol e à dança.

É geral a percepção de que as raparigas “têm menos força”, “menos vigor” do que os rapazes e que a sua prática não se adequa a atividades que envolvam algum tipo de agressividade. Em sequência, a percepção de que determinadas modalidades desportivas envolvem “choques físicos” delimitando a ação por parte de um envolvimento feminino é de tal forma relevante que surge como uma categoria. Por exemplo, quando questionados/as acerca da adequação do rugby e do boxe ao género, rapazes e raparigas referiram que estas são modalidades contraindicadas à prática feminina invocando um “corpo frágil” e referindo que as raparigas “não têm tanta resistência a modalidades desportivas que envolvam um contacto físico mais intenso”. A ideia de que a feminilidade deve resistir e afastar-se da violência do contacto físico é recorrente. Os dados sugerem ainda que os movimentos e o próprio desempenho motor associados à mulher são referenciados pela leveza, pela suavidade e pela distância entre os corpos, não se adequando a movimentos bruscos capazes de causar danos físicos. A delicadeza, a fragilidade e o afastamento do contacto físico surgem como identificadores da identidade motora feminina adequada. E mais, ao contrário do que se sucedeu relativamente aos rapazes, são introduzidas características de foro psicológico, nomeadamente o facto de serem “mais afetuosas, cuidadosas, dedicadas e concentradas.”

(grupo de rapazes discute sobre o râguebi)

e: As raparigas não costumam aguentar tanto os choques físicos como os rapazes.

E: Os rapazes defendem-se melhor, é isso?

e: Sim. Podem magoar muito as raparigas, porque o râguebi é praticamente luta. Porque eles se lançam, atiram-se, eles são muito gordos e pesados.

(grupo de raparigas)

e1: porque os rapazes são mesmo muito, muito mais fortes do que as raparigas. As raparigas é mesmo só para discussões e os rapazes é para lutas.

As expressões “magoar”, “aleijar”, “cair”, “partir” surgem frequentemente associadas à prática feminina, tal como se pode verificar nos exemplos que se seguem. Quando estas crianças são confrontadas com a possibilidade de os rapazes também se magoarem, contornam a situação referindo: “podem, mas eles já

estão habituados àquele desporto e já sabem e as raparigas têm mais probabilidade (de cair).” Na perceção das crianças, as raparigas devem ser poupadas de grandes esforços físicos, isto é, afastam as atividades desportivas que as possam “masculinizar” favorecendo, por outro lado, aquelas atividades nas quais são capazes de desenvolver as suas aptidões, o seu corpo, o seu espírito e a sua beleza. Deste ponto de vista, contraindicando este tipo de atividades, a mulher sofrerá menos riscos de sofrer lesões (Pacheco, 1998). Portanto, há uma associação da modalidade desportiva a características percebidas como femininas.

A participação na vida quotidiana da escola em estudo permitiu olhar mais intensivamente para a linguagem, para as falas, os movimentos, os sons, a organização do tempo e do espaço, as posturas e os comportamentos das crianças, meninos e meninas. Os registos de observação das aulas em que participaram as crianças entrevistadas mostraram situações em que as raparigas expressam estes sentimentos de “fragilidade.”

No decorrer de um jogo de futebol, são as raparigas que vão para a baliza. Observa-se que estas ficam alheias ao que se passa no jogo, enquanto cantam e dançam. Uma delas diz: “detesto jogar futebol! Tenho medo da bola.”^{ix}

3.3. ...mau ambiente...

A perceção do outro sexo no contexto do desporto escolar é referida pelas meninas relativamente a eles como sendo “brutos” e “violentos”. Algumas raparigas referem ainda que a interação com os rapazes não é pacífica e é mais individualista, mostrando preferência em “jogar apenas com raparigas”, na medida em que as consideram mais calmas e sentem-se mais seguras.

Num jogo de andebol com equipas mistas, uma rapariga sai do jogo e diz ao professor: “eles [rapazes] estão fartos de me dar com a bola nas pernas... assim não jogo.” Mantém-se fora do jogo até nova atividade.^x

e: O basquetebol...acho que é divertido.

E: Jogam com quem?

e: Entre nós e com os rapazes.

E: O que acham de jogar com os rapazes?

e: Divertido desde que eles não sejam brutos.

E: Às vezes eles são brutos?

e: Sim.

E: Porquê?

e: Atiram a bola e mandam para cima de mim...pum.

E: Também jogam com raparigas. Notam alguma diferença?

e: Sim (grupo concorda).

E: Que diferenças?

e: Sinto-me mais segura.

e1: eu fico mais calma.

e2: eu sinto-me mais segura.

E: Sentes-te mais segura a jogar com raparigas. Porquê?

e: porque as raparigas não são tão violentas.

E: E mais?

e1: as raparigas não são tão violentas e os rapazes empurram e mandam a bola para a cara.

e2: e são egoístas. Só querem a bola para eles, como no futebol.

e: Pois é!

No que concerne ao relacionamento entre as crianças, observa-se que entre os rapazes, a pressão dos pares do mesmo sexo é bastante evidente, relevando-se situações em que o fraco desempenho masculino é alvo de desprezo e, na maior parte das vezes, chacota, equiparando-o ironicamente ao desempenho feminino. As situações que se seguem expressam claramente esta relação de poder.

Observou-se que numa situação de jogo “Cola e Descola”, um rapaz é apanhado por uma rapariga. Um colega observa e comenta em tom crítico: “cace por uma miúda!”^{xxi}

(grupo de raparigas expressa situação na aula de atividade física)

e: às vezes, estamos a jogar futebol e eu marco um golo, eles dizem para os outros rapazes “olhem uma rapariga a marcar-vos!”.

E: O que acham que isso quer dizer?

e: Quer dizer que eles são mais fracos do que nós.

e1: e está a gozá-los.

e2: está a gozá-los.

E: Está a gozá-los?

e: Sim.

E: E tu quando ouves isso como te sentes?

e: Sinto-me mais ou menos.

E: Porquê?

e: Eu não me sinto elogiada.

e1: depois os rapazes até já nem querem jogar mais para não estarem ali a ser gozados.

O controlo sobre o corpo é um marcador importante do género. As identidades e os corpos são produzidos numa sociedade disciplinar, onde o poder se apresenta como contenção, proibição, confirmação, vigilância (Foucault, 1997). Isto é, através de múltiplas estratégias de disciplinamento, o indivíduo aprende a vergonha, a culpa, a censura, o controlo (Louro, 2000).

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo tornou-se notório o quanto as crianças têm já delineado em seus pensamentos a diferenciação entre rapazes e raparigas. A forma como os grupos se constroem em torno do género pesa nos seus comportamentos e performances nas atividades desportivas da aula. Aquilo que as crianças têm como referência é o que têm por diferença, o que demonstra a normalização dos aspetos culturais na aprendizagem da sua identidade de género. Há uma naturalidade atribuída às identidades que é reforçada pelos atributos físicos que as crianças imputem ao género e que se torna ainda mais notória quando os rapazes se afirmam como dominantes no campo desportivo. Desconstruir estas perceções mostra-nos que este processo não é natural, é construído.

O que é falado e mostrado na comunicação social, na escola, na família, entre pares auxilia, de forma ampla, a constituição das identidades de género, veiculadas quotidianamente nas instâncias sociais, culturais e políticas pelas quais circulamos (Guizzo, 2007). Estas práticas produzem diversas formas de regulação das identidades com base no género e através do corpo, pela repetição das maneiras como se deve comportar, apresentam-nos as qualidades idealizadas para a mulher e para o homem (Louro, 2000).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arguello, Z. (2008). Gender representations in the discourses of kindergarten children: Problematizing gender questions with children through children's literature. *Revista Ártemis*, 8, 68-83.
- Bandura, A. (1977). *Social learning Theory*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Bourdieu, P. (1999). *A dominação masculina*. Oeiras: Celta.
- Carvalho, A., Beraldo, K., Pedrosa, M., Coelho, M. (2004). O uso de entrevistas em estudos com crianças. *Psicologia em Estudo*, 9, (2), 291-300.
- Corrigan, P. (1991). *Making the boy: meditations on what grammar school did with, to and for my body*. In Henri Giroux (org.), *Postmodernism, feminism and cultural politics* (pp.196-216). Nova York: State University of New York Press.
- Demartini, Z. (2002). Infância, Pesquisa e relatos orais. In Faria, A., et al. (org.). *Por uma cultura de infância: metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas: São Paulo: Autores Associados;
- Foucault, M. (1997). *A arqueologia do saber*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Glaser, B. (2003). *The Grounded Theory Perspective II: Description's Remodeling of Grounded Theory*. Sociology Press.
- Guizzo, B. (2007). Identidades de Género masculinas na infância e as regulações produzidas na educação infantil. *Revista Ártemis*, 6, 38-48.
- Hill, M. & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Edições Silabo.
- Louro, G. (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica;
- Melucci, A. (2005). *Por uma Sociologia Reflexiva. Pesquisa qualitativa e Cultura*. Petrópolis: Vozes
- Meyer, D. (2003). *Educação, Saúde, Género e Media um estudo sobre HIV/AIDS-DSTs com agentes comunitários/as de saúde do programa de Saúde da Família em Porto Alegre*. RS. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre;
- Pacheco, A. (1998). Educação Física Feminina: Uma abordagem de género sobre as décadas de 1930 e 1940. *Revista da Educação Física/UEM*, 9(1): 45-52;
- Pereira, S., Mourão, L. (2005). Identificações de género: jogando e brincando em universos divididos. *Revista Motriz*, 11, (3), 205-210.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (2003). *Manuel de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva
- Rodrigues, P. (2003). *Questões de Género na infância. Marcas de identidade*. Horizontes Pedagógicos.
- Roth, A., Basow, S. (2004). Femininity, sports, and feminism. Developing a Theory of Physical Liberation. *Journal of Sport & Social Issues*, 28, (3), 245-265.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In Albarello, L.(Eds.). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (pp.84-116). Lisboa: Gradiva
- Stewart, Shamdasani & Rook (2009). Group Depth Interview: Focus Group Research. In Bickman, L. &

ⁱ Na etnografia não é necessário definir previamente o paradigma teórico, este vai-se construindo ao longo do processo de investigação (Glaser, 2003).

ⁱⁱ A escola na freguesia de Paranhos, na cidade do Porto. A escola recebe crianças provenientes de famílias de origem socioeconómica diversificada, maioritariamente oriunda de três bairros sociais de meio socioeconómico médio-baixo e médio.

ⁱⁱⁱ As estratégias usadas para aceder ao terreno foram cautelosamente pensadas, porque têm implicações no processo de investigação e podem constituir-se num obstáculo. Numa fase exploratória estabeleceu-se um protocolo entre o *Centro de Investigação de Atividade Física e Lazer* (CIAFEL) e o Agrupamento de Escolas estabelecendo os objetivos e considerando todos os requisitos éticos da investigação.

^{iv} As observadoras tinham formação em Sociologia e Desporto e experiência em investigação. As observadoras localizaram-se na lateral do espaço, numa bancada, de forma a obter um bom campo de visão, não distrair a atenção das crianças e ter acesso às interações sociais. Estas reagiram de forma curiosa questionando a sua presença. Esta questão foi clarificada e com o decorrer do tempo, a presença das observadoras passou a ser habitual e indiferente;

^v Observamos duas turmas, e cada observação corresponde a uma aula com 45 minutos (entre 15h15m e as 16h);

^{vi} Foram constituídos 7 grupos de 4 elementos homogeneizados consoante o género e totalmente familiarizados entre si. Totalizou 28 crianças entrevistadas (16 raparigas e 12 rapazes) correspondendo às crianças observadas e que estavam disponíveis para este exercício;

^{vii} A atividade pretendia conhecer a interferência das questões de género na adequação das práticas de atividades desportivas sob o ponto de vista das subjetividades das crianças. Cada grupo recebeu 21 imagens legendadas que identificavam diversas modalidades desportivas. As imagens foram cuidadosamente selecionadas com o intuito de serem neutras, não apresentando qualquer marca de género. Optamos por imagens elucidativas, porque ao possibilitarmos as discussões com as crianças em torno destas imagens ampliamos as possibilidades de as crianças percecionarem de forma crítica as identidades sociais.

^{viii} Correspondem às profissionais que desenvolveram o trabalho de observação. As crianças e a moderadora sentaram-se em torno de uma mesa, sendo que a observadora localizou-se ligeiramente atrás do grupo para um melhor ângulo de observação.

^{ix} Registo de observação 27.01.

^x Registo de observação 25.11.

^{xi} Registo de observação 03.02.